

P 2

Nomes, para quê?

17 OUT 1969

WILLIAM FRANÇA

7115v04 31 1969

Brasília nasceu sem esquinas, graças ao gênio inventivo de Lúcio Costa. É, portanto, uma cidade diferente das demais. Já tentaram criar algumas, fictícias, mas que não vingaram. O brasiliense entendeu melhor a idéia de viver sem elas e já sabe que as esquinas não fazem falta, não são essenciais para o convívio social.

O mesmo raciocínio pode ser estendido para a questão de dar nomes às ruas e às avenidas de Brasília. Principalmente nomes de pessoas ligadas, de alguma maneira, à cidade. Pouquíssimas pessoas sabem, por exemplo, que o Eixo Monumental tem o nome de "Central Juscelino Kubitschek". Ou que, em Taguatinga, a Pista do Estádio tem o nome do ex-governador Elmo Serejo Farias. A experiência mostrou que essa idéia não pega.

No máximo, funcionam nomes de ruas que identifiquem funções, como a Rua dos Restaurantes (404/5 Sul) ou a Rua da Igrejinha (107/8 Sul). O morador de Brasília sabe se localizar muito mais por siglas, números e pelo conjunto de atividades — Setor Bancário, Setor Hoteleiro, Setor de Diversões, Setor Médico Hospitalar etc — do que por nomes próprios. Não há o que contestar.

Há muito não se discutia mais essa característica ímpar de Brasília. Agora, o assunto volta à tona com a campanha do GDF (precisa explicar o que significa?) para dar nomes às estações do metrô. Nomes, para quê? Por que não chamar as estações de acordo com o local em que se situam? Custa muito batizar a estação da 102 Sul como "Estação 102 Sul"? Ou será melhor denominá-la de, por exemplo, "Estação Bernardo Sayão"? Será necessário, sem dúvida alguma, explicar que a tal estação está localizada na 102 Sul. Por que então dificultar tudo?

Existe um outro ponto discutível. São 33 as esta-

ções do metrô. Pelo pré-requisito lançado na campanha, as estações não podem levar o nome de pessoas vivas. Mas não são muitos os mortos (felizmente) que entraram para a história da cidade. Ao enumerarmos os principais, ficamos longe dos 33 necessários. Juscelino Kubitschek, Bernardo Sayão, Israel Pinheiro são os mais lógicos. Da história recente, temos Pompeu de Souza e agora Ulysses Guimarães. E quem mais? Para a felicidade de todos, nossos idealizadores — Lúcio Costa e Oscar Niemeyer — estão bem vivos. Quem mais representa a cidade?

Há um outro detalhe nisso tudo. Um dos possíveis homenageados, o ex-senador Pompeu de Souza, certamente iria se revolver no túmulo ao saber que o nome dele seria emprestado a uma estação do metrô. Logo ele, que em vida sempre defendeu que a cidade mantivesse sua característica inicial e que lutou bravamente para que o Parque da Cidade não tivesse o nome de Parque Recreativo Rogério Pithon Farias (uma das aberrações dessa faculdade de se usar nomes próprios em locais públicos). Morreu antes de lograr êxito, mas, para seu contentamento (se é possível!), ninguém chama o local pelo nome do filho do ex-governador. É Parque da Cidade mesmo.

A questão não é a de se discutir méritos — as homenagens sempre cabem e são necessárias para quem se destaca numa comunidade, mas sim de se questionar a oportunidade de se valer dessa característica comum às outras cidades e aplicá-la em Brasília. Sem esquinas e sem homenagens de caráter político-demagógico vivemos muito bem, até hoje, e não nos perdemos ao andar na cidade. Por que mudar tudo isso agora, motivados talvez por um simples capricho?

■ William França é repórter do *Jornal de Brasília*